

AS MUDANÇAS ARQUITETÔNICAS NA FORTALEZA DE SANTA CATARINA (PB) ENTRE OS SÉCULOS XVI AO XVIII.

CAMBIOS ARQUITECTÓNICOS EN LA FORTALEZA DE SANTA CATARINA (PB) ENTRE LOS SIGLOS XVI AL XVIII.

ARCHITECTURAL CHANGES IN THE FORTRESS OF SANTA CATARINA (PB) BETWEEN THE 16th TO THE 18th CENTURIES

VILAR, LEANDRO

Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: vilarleandro@hotmail.com; Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8905-9727>

RESUMO

O presente artigo teve como proposta estudar as mudanças da arquitetura militar da Fortaleza de Santa Catarina, situada na Paraíba, consistindo na única fortificação do período colonial deste estado, que se encontra em melhores condições de preservação e aberta ao público. Sua origem remonta o final do século XVI como um pequeno forte de madeira, sendo que nos duzentos anos seguintes passou por várias reformas que a tornaram uma fortificação maior, a qual apresenta os traços que podem ser vistos atualmente. Para este estudo nos baseamos na história militar para descrever as características arquitetônicas das fortificações da Idade Moderna, além de comentar e explicar como tais estruturas surgiram e eram utilizadas na forma de se fazer guerra naquele tempo, especialmente durante as Guerras Luso-holandesas (1630-1654), época na qual a fortaleza foi alvo de dois cercos e ocupada pelos holandeses. Como fonte de pesquisa fizemos uso de relatórios, mapas e pinturas, os quais contribuíram para determinar quais foram as mudanças estruturais que essa fortaleza passou ao longo de mais de dois séculos.

PALAVRAS-CHAVE: Fortaleza de Santa Catarina; Paraíba colonial; arquitetura militar; Brasil holandês.

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo estudiar los cambios en la arquitectura militar de la Fortaleza de Santa Catarina, ubicada en Paraíba, constituida por la única fortificación de la época colonial de este estado, que se encuentra en mejores condiciones de conservación y abierta al público. Su origen se remonta a finales del siglo XVI como una pequeña fortaleza de madera, y en los siguientes doscientos años sufrió varias reformas que la convirtieron en una fortificación mayor, que presenta las características que hoy se pueden apreciar. Para este estudio nos basamos en la historia militar para describir las características arquitectónicas de las fortificaciones de la Edad Moderna, además de comentar y explicar cómo tales estructuras surgieron y fueron utilizadas en la forma de hacer la guerra en ese momento, especialmente durante la Guerra luso-neerlandesa (1630-1654), época en la que la fortaleza fue objetivo de dos asedios y ocupada por los neerlandeses. Como fuente de investigación se utilizaron informes, mapas y pinturas, que contribuyeron a determinar los cambios estructurales que ha sufrido esta fortaleza durante más de dos siglos.

PALABRAS CLAVES: Fortaleza de Santa Catarina, Paraíba colonial, arquitetura militar, Brasil holandês.

ABSTRACT

This paper aimed to study the changes in the military architecture of the Fortress of Santa Catarina, located in Paraíba, consisting of the only fortification from the Colonial period of this state, which is in better conditions of preservation and open to the public. Its origin dates back to the end of the 16th century as a small wooden fort, and in the next two hundred years it underwent several reforms that made it a bigger fortification, which presents the features that can be seen today. For this study we based on military history to describe the architectural characteristics of the fortifications of the Modern Age, in addition to commenting and explaining how such structures arose and were used in the way of waging war at that time, especially during the Dutch-Portuguese Wars (1630-1654), a time when the fortress was the target of two sieges and occupied by the Dutch. As a source of research we used reports, maps and paintings, which contributed to determine the structural changes that this fortress has undergone over more than two centuries.

KEYWORDS: Fortress of Santa Catarina, Colonial Paraíba, military architecture, Dutch Brazil.

INTRODUÇÃO

A ideia para este artigo partiu de quatro fatores, o primeiro, diz respeito ao papel da Fortaleza de Santa Catarina como patrimônio histórico paraibano e que nos últimos anos até mesmo foi cotado para se tornar patrimônio mundial pela UNESCOⁱ, sendo a única fortificação em melhor estado, a datar do período colonial, em território paraibano. Uma fortaleza com mais de quatrocentos e trinta anos de história.

Diante dessa importância singular, o segundo fator para estudá-la advém de um comentário do historiador Lucien Febvre (1989, p. 249), o qual no livro *Combates pela História*, ele escreveu que a História poderia ser feita com palavras, sinais, paisagens, telhas, espadas, campos, cordas, pedras e eclipses, etc. Que o historiador não deveria limitar-se apenas ao documento escrito, mas considerar outros tipos de fontes. No nosso caso, fizemos uso de uma construção militar para o estudo histórico.

E neste sentido complementamos a fala de Febvre, ao citar o estudo do historiador Simon Schama em seu livro *Paisagem e Memória* (1996). Nessa obra, Schama abordou a questão em que os espaços e paisagens, fossem naturais ou artificiais (feitos pelo homem), possuíam um valor histórico, fosse no sentido de serem cenários para eventos históricos, ou o resultado de processos de colonização, urbanização, expansão, desbravamento, etc. que marcam o desenvolvimento das sociedades e culturas humanas, pois essencialmente o ser humano tende a modificar de alguma forma a paisagem em que habita. Nesse sentido, Schama comentou que as paisagens e lugares construídos carregam propósitos, funções, ideias, expectativas e sonhos. E no caso da fortaleza de Santa Catarina, estamos escrevendo sobre uma fortificação que por mais de trezentos anos teve uma função militar de defender o território colonial, embora que atualmente a fortaleza seja uma atração turística e um espaço para exposições e eventos.

O quarto aspecto que destacamos diz respeito a importância desses espaços para o estudo histórico. Sobre isso citamos o estudo de Lleida Margarita (2010) a qual destacou a importância do uso de espaço, lugares, paisagens e construções para se estudar e conhecer a História. Sendo estes lugares fontes históricas, em que sua estrutura, objetos e móveis ali dentro preservados, o próprio uso daquele espaço para diferentes fins, tudo isso poder ser utilizado para o estudo. Inclusive Margarita defende aulas de campo dirigidas a estes locais para que os alunos, sejam da escola ou da universidade, tenham noção destes espaços de memória, história, cultura, arte e técnica.

Diante desses fatores, o presente artigo procurou contar um pouco da história da Fortaleza de Santa Catarina, analisando sua estrutura, obras, reformas, uso na guerra, e o contexto histórico por trás de algumas dessas mudanças.

Para este estudo recorreremos a relatos da época, plantas, pinturas e mapas, para realizar a análise da fortificação e compreender seus usos e o contexto em que essas obras foram realizadas. Com isso, o artigo foi dividido nas seguintes seções: a origem do forte, as guerras luso-holandesas, o forte sob domínio dos holandeses, a degradação da fortificação na segunda metade do século XVII, e por fim, as reformas do século XVIII.

O FORTE DO CABEDELLO NO INÍCIO

Embora seja mais conhecida atualmente como Fortaleza de Santa Catarinaⁱⁱ, nome advindo da padroeira da capela da fortificação, entretanto, até o final do século XIX, essa estrutura ainda era referida como Forte do Cabedelo, devido a sua localização. Sendo assim, nos referiremos a essa fortificação pelos seus nomes antigos como constavam nas fontes primárias, adotando seus diferentes nomes à medida que progredimos em sua história.

As origens desse forte foram por algum tempo inconclusivas. Autores dos séculos XVIII ao XX, chegaram apresentar datas divergentes para sua construção, e até mesmo apontavam nomes diferentes para quem teria dado a ordem de construção. Algo visível no estudo de Sousa (1885, p. 78), o qual informava que o Forte do Cabedelo teria sido construído em novembro de 1585, tendo sido projetado pelo oficial alemão Christopher Lintz. No entanto, Sousa confundiu a data dessa obra com a construção do Forte do Varadouro, o qual foi construído em 1585. Já Garrido (1940, p. 60) também sublinhou que essa fortificação também foi confundida com o Forte São Felipe, construído em 1584 pelo comandante espanhol Diego Flores de Valdez. Por sua vez, Barreto (1958, p. 39) sugeriu que o forte teria sido erguido em 1586, creditando a João de Matos Cardoso, que foi o primeiro capitão regular desse forte, que ele estaria associado com a fundaçãoⁱⁱⁱ.

Mas independente dessas confusões relatadas por antigos historiadores, sabe-se hoje que o Forte do Cabedelo teria sido erguido em 1589 ou 1590^{iv}, durante o governo de Fructuoso Barbosa^v (1588-1591), na época da União Ibérica (1580-1640). Sendo que esse forte não era a única estrutura defensiva existente na Paraíba do final do século XVI. Pois, sublinha-se que além do Forte do Varadouro situado ao lado da cidade de Nossa Senhora das Neves, alguns importantes



engenhos como El'Rei, Santo André e Inobi, ergueram suas casas-fortes nos anos de 1587, devido a insegurança ainda da região por conta dos ataques dos franceses e de tribos indígenas. (LINS, 2007, p. 22).

No caso de Cabedelo, o forte foi ali construído para defender a entrada da barra do rio Paraíba, a qual estava desguarnecida, pois o Forte de São Felipe estava destruído desde 1585, e o fortim de Manoel de Azevedo na Ilha da Restinga, não era uma fortificação adequada para inibir que as naus francesas adentrassem o rio para ir atacar a cidade e os engenhos. (LINS, 2007, p. 22).

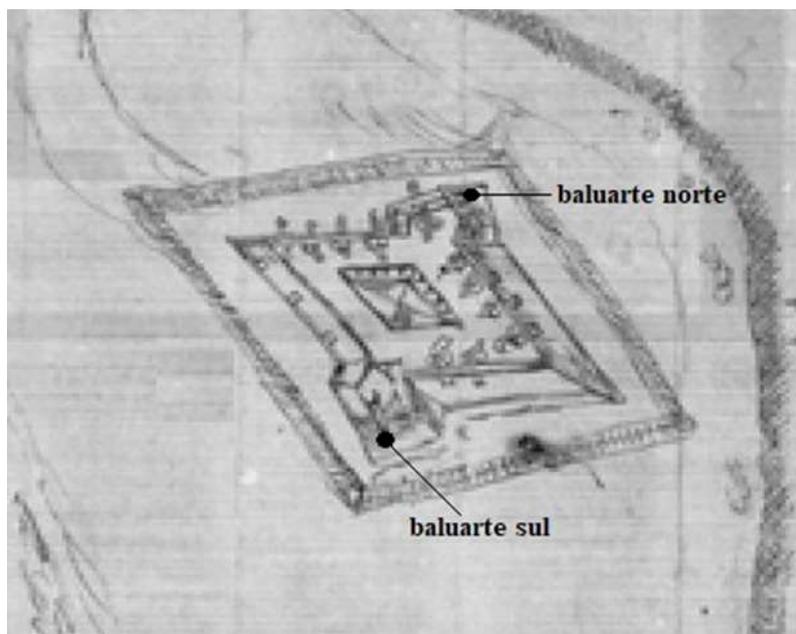
Diante dessa necessidade, o Forte do Cabedelo foi erguido em poucos meses, sendo fundado sobre areia, construído de madeira e taipa. “Em época de guerra, as obras tinham que ser levantadas em caráter emergencial e a construção de taipa se prestava a isto, por usar matérias fáceis de ser encontrados, como a argila, fibras vegetais, cal e madeira, além de proporcionar rapidez de execução”. (BERTHAL, 2007, p. 60).

Não se sabe as dimensões exatas dessa fortificação, pois embora Sousa (1885) tenha fornecido alguns dados sobre isso, hoje eles são considerados imprecisos, inclusive podem ser referentes as obras do Forte do Varadouro. O que se sabe é que naquele início a estrutura desse forte teria um formato quadrangular (traço padrão da época). Entretanto, em 1590 ou 1591, ele foi atacado por indígenas (possivelmente Potiguaras) e incendiado alguns meses depois de sua construção, sendo reconstruído ente 1591 e 1592. Tal condição dificulta saber como era realmente a arquitetura inicial dessa fortificação. Além disso, sabe-se que em 1597 ele foi atacado pelos franceses, mas resistiu ao confronto. (MONTEIRO, 1972, p. 17).

No ano de 1601 o forte possuía 3 canhões de ferro e 11 canhões de bronze, e sua guarnição era composta por 1 capitão, 1 alferes, 1 sargento, 1 tambor, 1 condestável e 20 mosqueteiros. Uma pequena guarnição para proteger um imenso território. Embora a fortificação fosse de pequena proporção, é preciso considerar que essa tropa era a linha de frente contra qualquer invasor que viesse por mar ou atracasse no litoral. Todavia, o governo convicto de que os franceses não retornariam mais para roubar pau-brasil naquelas terras, não se importou em fortalecer as defesas. (MONTEIRO, 1972, p. 71-72).

A realidade do Forte do Cabedelo, não mudou tanto nos anos seguintes. O engenheiro militar Diogo de Campos Moreno, em seu livro *Relação das praças fortes e coisas de importância que Sua Majestade tem na costa do Brasil*, escreveu brevemente sobre o forte paraibano, além de fornecer um esboço de como ele seria. (ver Figura 1).

Figura 1: O Forte do Cabedelo em 1609.



Fonte: Detalhe editado do mapa Capitania da Paraíba em 6 graus a sul da Equinothial 1609, feito por Diogo de Campos Moreno, em 2 fólhos. Anexado a *Relação das praças fortes e coisas de importância que Sua Majestade tem na costa do Brasil*. Fonte: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, vol. LVII, p. 177-240, 1984.

Em seu relatório, Moreno informou alguns dados sobre a guarnição dessa fortificação, assinalando que ela possuía 20 mosqueteiros e outros oficiais, e onze peças de artilharia, ou seja, os mesmo valores descritos segundo relatório de 1601, o que gera a dúvida se o autor teria copiado os dados deste relatório ou não. Moreno também escreveu que o rei destinava cem mil contos de réis para suas despesas. Todavia, em seguida ele descreveu alguns aspectos da estrutura:

Este forte do Cabedelo fundou Feliciano Coelho de Carvalho^{vi}, no posto que se vê hoje, de grossas vigas e traves de madeira com taipas e entulhos entre uma e outra parede, terraplenado todo o posto da melhor matéria que pode ser, inda que tosca e de má feição. [...]. Será de importância mandar-se-lhe fabricar de pedra e cal, para que se escusem os gastos que que cada três e quatro anos faz e madeira e fábrica de Sua Majestade e aos moradores. (MORENO, 1984, p. 192).

Observa-se pelo relato do engenheiro Diogo Moreno, que ainda no ano de 1609, o forte era pequeno e feito de madeira e sua estrutura estava em mal estado. Quanto a isso, ele recomendou que fosse necessário usar pedra e cal para reforçar a fortificação, mas tal sugestão nunca foi acatada. Em seu segundo livro intitulado *Livro que dá Razão que se dá ao Estado do Brasil*, datado de 1612, Diogo Moreno faz uma descrição dos materiais utilizados na construção do forte. Relatando o seguinte:

está o forte que dizem de Cabedelo, fundado sobre areia, de taipões, e entulhos de lamarão, entre grossas vigas de pau-de-ferro, com uma estacada, de modo que se vê na sua planta; é todo, hoje, até os parapeitos coberto de telhas, e fica como uma casa-forte, defendido no melhor modo que dá lugar o sítio. (MORENO, 1955, p. 200-201).

Por essa breve descrição, Moreno apontou que o forte foi erguido num terreno arenoso e com lama e lodo (lamarão), algo que se deve a condição que a estrutura foi levantada a alguns metros da margem do rio, inclusive quando havia cheia, suas águas tocavam no muro, como relatam outros autores nos séculos posteriores. Em seguida Moreno assinalou que a estrutura dos muros era de taipa, sendo feita de grossas vigas de pau-de-ferro (*Caesalpinia leiostachya*), madeira conhecida por sua dureza e abundante na Mata Atlântica. A taipa era preenchida com entulho (areia, terra e pedras). Em alguns casos os muros de taipa também eram revestidos com barro ou argila, apesar que ele não indique isso em sua descrição.

Diogo Moreno (1955, p. 201) também relatou que o forte necessitava de melhorias, pois ele era vulnerável ao fogo, machado, enxada e explosivos. Aqui recordamos que o forte já havia sido incendiado por volta de 1591. Além disso, o autor salientou que as baterias de artilharia estavam sem proteção adequada. Ele também escreveu que o socorro mais próximo estava na capital, que distava quatro léguas (15 km), porém, grande parte da população vivia no interior, nas fazendas de cana e gado, ou seja, a ajuda e envio de recursos demoraria ainda mais. O autor também sugeriu que uma fábrica de pedra e cal fosse instalada na capitania, para produzir material que fosse utilizado para revestir os muros do forte, algo que nunca ocorreu naquela época.

Salientamos que Diogo Moreno não enfatizou a condição do Forte do Cabedelo possuir dois baluartes, apenas disse o material pelo qual a fortificação foi feita, como citado anteriormente. No entanto, pelo mapa por ele desenhado, nota-se a presença dessas duas estruturas importantes que se tornaram a base da arquitetura militar europeia da Idade Moderna.

Sublinha-se que desde o século XV, a arquitetura militar passou a construir estruturas para resistir e amenizar o dano de armas de fogo, sobretudo da artilharia pesada composta pelos canhões, armas que começavam a adentrar a Europa pelo leste, sendo difundidas pelos turcos. E, neste caso, a Itália foi um dos primeiros lugares onde esse novo tipo de armamento começou a ser difundido e usado na guerra, o que levou os arquitetos e engenheiros militares a terem que formular novas estruturas defensivas, pois as antigas não conseguiam resistir ao poder explosivo da pólvora. (KEEGAN, 1995, p. 334).

Assim, surgiram as fortificações militares de “traço italiano”, conhecido por apresentar estruturas mais baixas, com muros ou muralhas preenchidos com terra, sendo mais largos na base, assim como, tais fortificações passaram a adotar formatos geométricos com muitos ângulos, o que originou o termo “forte estrela”, devido a suas pontas. (BLACK, 2018, p. 66).

nada de torres ou elevações. Agora, muralhas baixas confundindo-se com o horizonte, deixando de ser alvos fáceis. Uma nova tecnologia construtiva surgiu e logo os engenheiros italianos se especializaram para seguir as condições impostas pela chamada pirobalística. Foi nos tempos dos Felipes de Espanha, que reinaram em Portugal no período de 1580 a 1640. Nessa ocasião, toda a defesa dos portos e das fronteiras foi reformulada com o total abandono dos castelos e torres medievais por serem inúteis. (LEMOS, 2012).



E um dos destaques para essas estruturas foram os baluartes, também chamados de bastiões. Os baluartes consistiam em estruturas geralmente com três pontas, as quais se projetavam das pontas de uma fortificação. Eles permitiam ampliar os ângulos de ataque, além de serem áreas amplas onde baterias de artilharia podiam ser instaladas para repelir tropas inimigas. Ao longo de dois séculos a estrutura dos baluartes foi sendo reelaborada, levando a origem de diferentes modelos. (TALLET, 1992, p. 34).

O traço italiano recebeu variações na França, Holanda e Alemanha. Ainda assim, era modelo para os demais países europeus, incluindo Portugal. E quando observamos a representação de Moreno sobre o Forte do Cabedelo, observa-se que ele possuía dois baluartes, um situado no norte e outro no sul.

Na imagem 1 também se observa as peças de artilharia dispostas em quase todos os lados da fortificação, além de poder ver uma estrutura não definida que cerca o forte. O relato da época não menciona se seria um fosso ou uma paliçada. Apesar disso, o pequeno Forte do Cabedelo, por vários anos foi a principal fortificação na foz do rio Paraíba, responsável pela guarda daquela importante entrada que dava caminho a cidade de Filipeia de Nossa Senhora das Neves.

O FORTE DURANTE AS GUERRA LUSO-HOLANDESAS (1631-1634)

O Forte do Cabedelo somente passou por mudanças mais significativas, quando se fez necessário reforça-lo para poder confrontar a ameaça dos exércitos holandeses que retornaram em 1630, em busca de controlar a produção açucareira, que na época era um verdadeiro “ouro branco”^{vii}. Antes disso, o forte de 1600 a 1630, recebeu somente algumas obras de reparo, novos canhões e mais soldados. Mas com a condição que os exércitos da *Companhia das Índias Ocidentais* (*West Indische Compagnie* – WIC), já haviam capturado Olinda e Recife, em 1630, o então capitão-mor da Paraíba, Antônio de Albuquerque Maranhão (1627-1634), em junho de 1631, ordenou que o Forte do Cabedelo fosse remodelado e uma nova fortificação fosse construída para lhe dar suporte, o qual consistiu no Forte de Santo Antônio. (OLIVEIRA, 2016, p. 105).

O frei beneditino Paulo do Rosário, o qual foi testemunha do primeiro ataque holandês à Capitania da Paraíba, mencionou as ordens dadas por Maranhão, dizendo que o Forte de Santo Antônio seria construído de madeira, taipa e terra, mas seria erguido já com quatro baluartes, apesar que quando o exército da WIC chegou em dezembro daquele ano, o forte ainda estivesse em construção, e apenas dois baluartes haviam sido concluídos. Mas além desse forte, o governador Maranhão também ordenou que o antigo fortim de Manuel de Azevedo, também conhecido como Reduto da Restinga, fosse reforçado e recebe-se mais homens e canhões. Um reduto praiano também foi escavado para fornecer apoio a este triângulo defensivo formado pelos dois fortes e o reduto da Restinga. (OLIVEIRA, 2018, p. 133).

No caso do Forte do Cabedelo, esse ainda contava com dois baluartes, apesar que nas ordens de reforma dadas por Antônio de Albuquerque Maranhão, outros dois baluartes seriam feitos, como também se escavariam trincheiras, erguer-se-iam paliçadas e tentar-se-ia aprofundar o fosso seco, que era considerado muito raso. As trincheiras e paliçadas foram realizadas, mas o fosso não foi concluído. (OLIVEIRA, 2016, p. 215). Ainda assim, tais estruturas teriam que ser suficientes para o primeiro ataque, no qual resultou na Batalha do Cabedelo (5 a 12 de dezembro de 1631).

Nesse quesito, não bastava apenas os baluartes e o fosso para assegurar a proteção daquela praça-forte, mas era necessário dispor de suportes que impedissem o avanço da artilharia inimiga. Algo chamado de obras exteriores^{viii}, as quais se dividem nas de defesa (sitiado) e nas de ataque (sitiante). Frei Paulo do Rosário (1632, p. 9) e Duarte de Albuquerque Coelho (1982, p. 67-68), dois cronistas que relataram sobre essa batalha, comentaram que no dia 8 dezembro, o capitão-mor Maranhão, ordenou que o engenheiro Diogo Paes, reunisse alguns homens e erguesse um hornaveque^{ix}. O qual foi construído com terra, diante do portão do forte, consistindo em uma obra exterior de sitiado, feito para fins de proteção. No caso, era comum usar hornaveques como uma estrutura para evitar ataques diretos aos portões, erguendo-se muros em formato triangular, cuja forma ajudava a resvalar a bala de canhão.

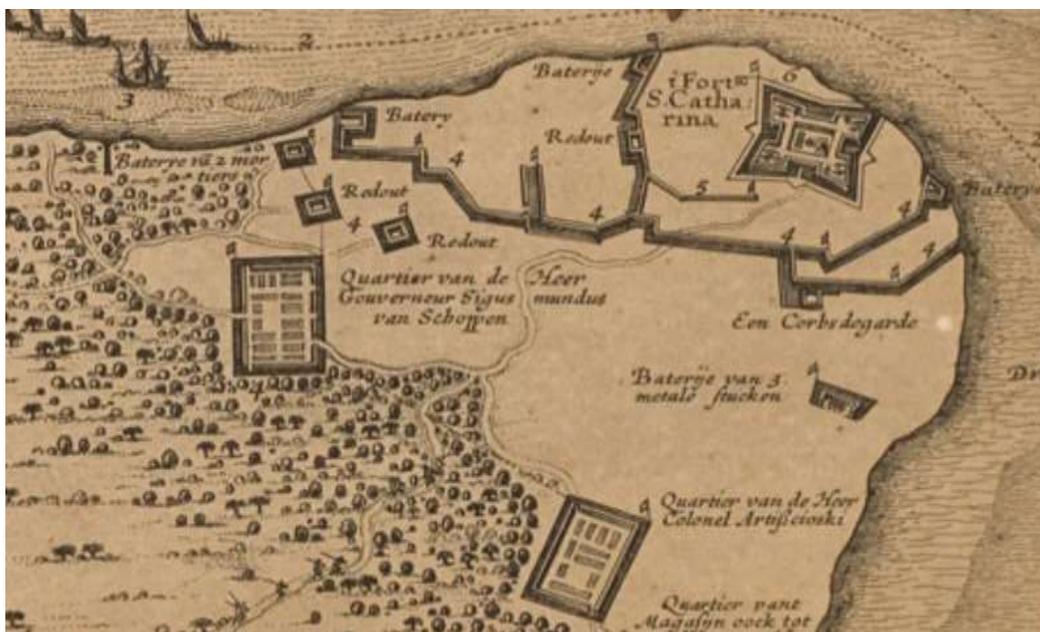
A Batalha do Cabedelo terminou com a derrota do exército da WIC, que se retirou no dia 12 de dezembro. E nos anos seguintes a Paraíba ficou em alerta, apesar que somente em 1634 foi que a WIC decidiu realizar novo intento de conquista. Em fevereiro daquele ano ocorreu a Batalha do Forte de Santo Antônio (26-28 de fevereiro), na qual os holandeses tentaram atacar apenas esse forte. No entanto, após dois dias de conflitos, seus comandantes julgaram de forma incorreta que os portugueses teriam reforços escondidos, então optaram por abandonar o ataque. (OLIVEIRA, 2016, p. 228).

Entretanto, a WIC retornou com um exército maior no mês de dezembro e ocorreu a Batalha da Paraíba (2 a 23 de dezembro). Naquela época, o forte de Santo Antônio e do Cabedelo já estavam munidos com seus quatro baluartes, peças de artilharia, guarnição maior e trincheiras defensivas.



No mapa da Figura 2, o qual é de origem holandesa, nota-se que o Forte do Cabedelo já era referido como Forte de Santa Catarina, um nome pouco usual mesmo entre os portugueses, sendo mais utilizado pelos holandeses. Pela imagem, a fortificação apresenta formato retangular e quatro baluartes, algo característico da época. O mapa também delinea o fosso seco com sua contraescarpa. Além disso, observa-se a disposição dos acampamentos holandeses dos quais partiram as três frentes de batalha que sitiaram o forte por quase um mês.

Figura 2: O Forte de Cabedelo em mapa de 1634



Fonte: Detalhe do mapa *Afbeelding der Stadt en Fortessen van Parayba*. Claes Jansz Visscher. 1634-1635. 58,5 x 53,5 cm em f. 60 x 54,5 cm^x.

O mapa de Visscher é bastante interessante para a história militar da Paraíba, pois foi feito com base nos relatórios de campanha na época, apresentando detalhes que podem ser lidos nas fontes do período. Na imagem 2, apresentamos o detalhe do cerco realizado ao Cabedelo, em que o número 5 corresponde a trincheira defensiva dos portugueses, e os números 4 eram as trincheiras de aproximação, algo essencial na forma de se fazer cerco naquele tempo, como comenta o historiador John Keegan, ao dizer que:

A guerra de assédio era demorada e trabalhosa porque os meios de trazer fogo suficiente para acoessar uma fortaleza com bastião exigiam um enorme esforço de escavação. [...]. Era preciso cavar uma trincheira paralela a um dos lados do traçado do bastião, onde se pudessem colocar canhões para iniciar o bombardeio. Sob a proteção desse fogo, trincheiras “de aproximação” eram então cavadas adiante, até que uma nova “paralela” mais próxima pudesse ser cavada, para onde eram levados os canhões, a fim de continuar o bombardeio a distância mais curta. (KEEGAN, 1995, p. 337).

A Batalha da Paraíba resultou na derrota portuguesa. O Forte do Cabedelo após semanas de intenso bombardeio, rendeu-se entre os dias 18 e 19 de dezembro. E posteriormente o Forte de Santo Antônio rendeu-se entre os dias 22 e 23. Ambas as fortificações foram bastante danificadas a ponto de que os cronistas Duarte Albuquerque Coelho (1654) e Joannes de Laet (1644) relataram que parte dos muros haviam desabado e as estruturas internas também estavam avariadas. E assim, no dia 24 de dezembro o exército da WIC apossou-se da cidade de Filipeia, consolidando sua conquista da Capitania da Paraíba. (OLIVEIRA, 2016, p. 163).

O FORTE MARGARIDA DURANTE O DOMÍNIO HOLANDÊS (1635-1654)

Embora tenhamos diversos relatos escritos por funcionários da WIC a respeito da Paraíba, pouco deles fornecem dados mais detalhados sobre suas fortificações. Um dos primeiros relatórios foi feito por Servaes Carpentier (1635-1636), durante seu mandato como governador da Paraíba. Seu trabalho nada menciona sobre as fortificações paraibanas, embora ele liste todos os engenhos operantes na época. O terceiro governador holandês, Elias Herckmans (1636-1639) escreveu um longo relatório sobre a capitania, concluído em 1639, porém, ele praticamente nada comenta sobre o Forte do Cabedelo, somente dizendo que esse era uma pequena fortificação, mas foi reconstruída pelos holandeses,



tornando-se “grande” e renomeada como Forte Margarida (Fort Margareth). Embora que ele não diga quem deu esse novo nome e quando isso aconteceu. (HERCKMANS, 1985).

No relatório intitulado *Breve discurso sobre o estado das quatro capitânicas conquistadas de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande* (1638), foi relatado o seguinte sobre o Forte do Cabedelo:

O forte do sul foi inteiramente feito por nós: arrasou-se o velho forte de *Santa Catarina*, que era muito pequeno, acanhado e de pouca resistência, e, no mesmo lugar e por fora dele, levantou-se este outro. Para o lado de terra tem um bonito baluarte, cujas cortinas correm para a praia do mar, tendo de um e de outro lado um meio-baluarte que se fecham por uma tenalha; a sua circunferência é bastante espaçosa, e as suas muralhas belas e elevadas; mas por causa das areias movediças, como sucede em todas as praias, não se pode ter fossos profundos; de qualquer modo é de grande resistência. Antes do nosso governo foi este forte empreitado, estando muito adiantada a conclusão dele; mas fomos nós que pagamos a maior parte das despesas. Custou 31.000 florins. (NASSAU; CEULEN; DUSSEN, 1887, p. 187-188).

Nota-se neste relatório de 1638, dados ausentes no relatório de Herckmans, mesmo que ele tenha concluído sua obra um ano depois. Mas no caso do *Breve discurso*, temos já informações sobre a estrutura, a qual foi reformada no valor de 31 mil florins, quantia significativa na época. O novo forte era mais espaçoso do que o anterior, mas havia perdido dois baluartes, que tinham sido arruinados durante a guerra de conquista em 1634. Porém, recebeu dois meio-baluartes, reforçados com tenalhas e melhoria no fosso, anteriormente descrito como raso e até soterrado em alguns trechos. Mas completando esse relato, um dos autores, o conselheiro Adrien van der Dussen (1585-1642), redigiu seu próprio relatório em 1639, e nos forneceu algumas poucas informações a mais, escrevendo que:

Na Paraíba, no porto ou barra, há, em primeiro lugar, no lado sul do mesmo, o forte Margarida, que se estende para o interior com um bastião [croonwerk], apresentando no lado que olha para o interior do país, um belo bastião e dois meio bastiões, cujas cortinas partindo dos meio bastiões, correm em direção ao rio pela sua margem, encerrando-se com uma bateria. Há uma tenalha ligando as cortinas que se encaminham em direção ao rio. É uma obra bonita e importante, com um ótimo fosso, uma forte estacada em torno da berma e uma boa contra-escarpa no lado externo do fosso. (DUSSEN, 1940, p. 115-116).

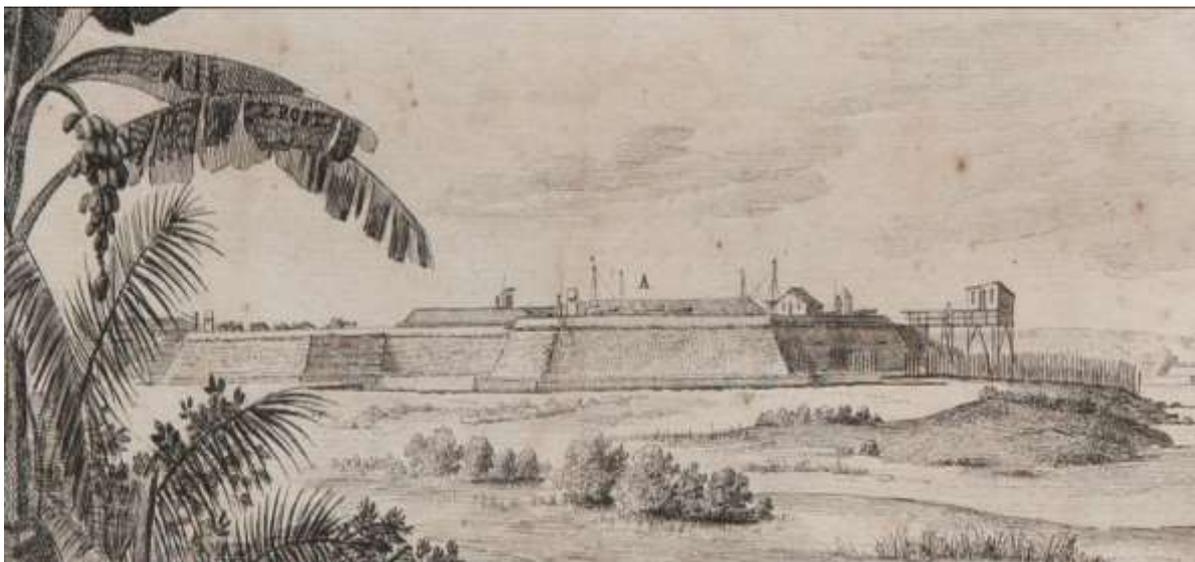
Nota-se assim já algumas diferenças visíveis, a fortificação tinha dois baluartes e dois meio-baluartes. As cortinas desses meio-baluartes eram auxiliados por uma tenalha, a qual consistia num muro com ângulo para dentro, sendo feito de terra, pedra ou alvenaria. Era erguido geralmente diante das cortinas (espaço entre os baluartes), como uma obra de reforço. Pois as cortinas eram menos resistentes do que os ramais (os lados que formam um baluarte). As tenalhas seriam obras mais simples do que um hornaveque. (PIMENTEL, 1680, p. 92-93).

No caso da tenalhas terem sido posicionados voltados para o rio, sugira que ali poderia ser um ponto fraco da fortificação, já que Dussen não relatou haver tenalhas dos outros lados. Ele também escreveu que a estacada (barreira de estacas) na berma (acostamento ao lado de fossos, trincheiras, canais), (PIMENTEL, 1680, p. 18, 176), e a contraescarpa externa do fosso também era bons.

O cronista Gaspar Barléus (1584-1648), que redigiu *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil* (1647), como forma de enaltecer o governo de João Maurício de Nassau, menciona de forma breve o Forte Margarida. Primeiro ele disse que foi Nassau em sua visita à Paraíba, no tempo do governo de Elias Herckmans (mais exatamente no ano de 1638), que ao ver o estado deteriorado do forte, mandou reformá-lo e melhorá-lo e lhe concedeu o nome de Margarida, em homenagem a sua irmã. Posteriormente Barléus relata que tal forte era bem construído e resistente, possuindo trincheira, fosso, parapeito, 14 canhões de bronze e 42 canhões de ferro e 360 homens de guarnição. O autor informou que a fortificação também contaria com uma estacada para reforçar o fosso seco (BARLÉUS, 1940, p. 76, 144, 146, 159). Algo ausente nos relatos do *Breve discurso* e de Dussen, mas como Barléus publicou seu livro muitos anos depois desses relatórios, é possível que tal estacada tenha sido erguida na década de 1640. (ver Figura 3).



Figura 3: Forte Margarida pintado por Franz Post

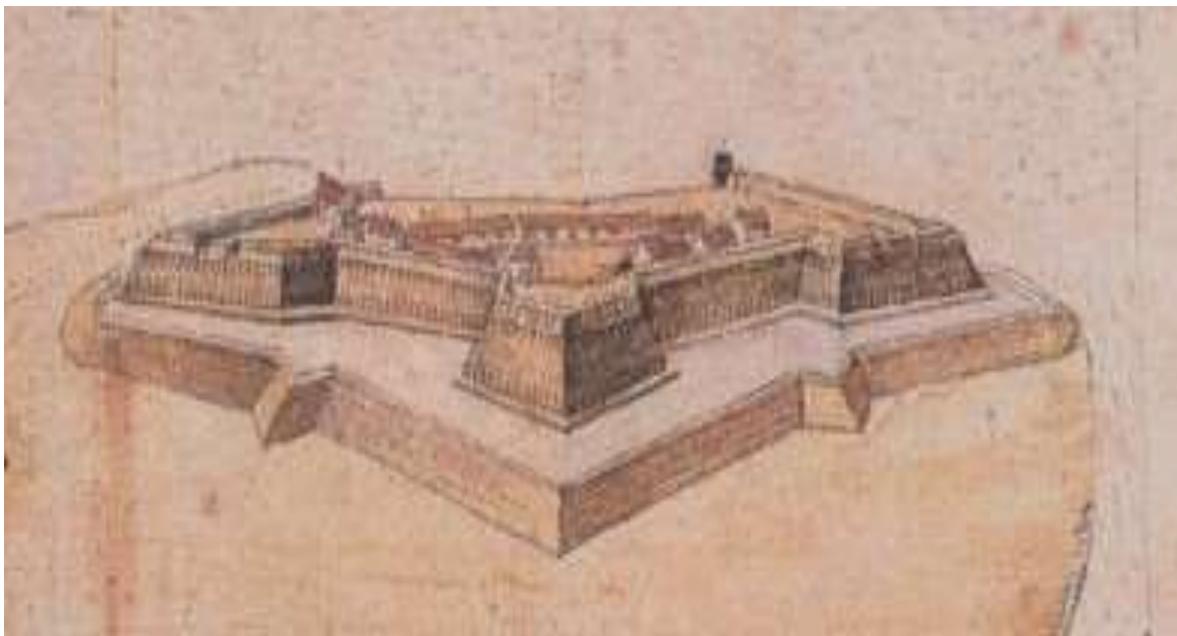


Fonte: Detalhe da pintura *Ostium Fluminis Paraybae*, Franz Post, 1647. Fonte: originalmente publicado junto ao livro *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil* (1647) de Gaspar Barléus^{xi}.

Essa pintura feita pelo renomado artista holandês, Franz Post (1612-1680), a qual nos fornece mais informações que corroboram a descrição dada por Barléus. Não se sabe exatamente quando Post esteve na Paraíba, mas teria feito isso provavelmente no começo da década de 1640, pois em 1644 ele já havia retornado a Holanda. Por sua obra, observa-se a presença de dois baluartes, o telhado dos quartéis, a ponta do mastro de navios, o fosso seco, uma estacada na cortina voltada para o lado do mar, mas a novidade é a presença de uma guarita que até então nenhum autor havia mencionado. A estrutura tinha uma função de vigia, sendo erguida em local estratégico que concedia excelente vista da barra do rio. Além de ser usada também como ponto de sinalização para as embarcações, já que não existia farol nessa área, algo que somente foi feito no século XIX.

A fim de comparação, usamos outra pintura do mesmo período, sendo essa sido feita pelo pintor militar alemão, Caspar Schmalkalden (1616-1673), o qual visitou o Brasil. (ver imagem 4).

Figura 4: O Forte Margarida pintado por Caspar Schmalkalden

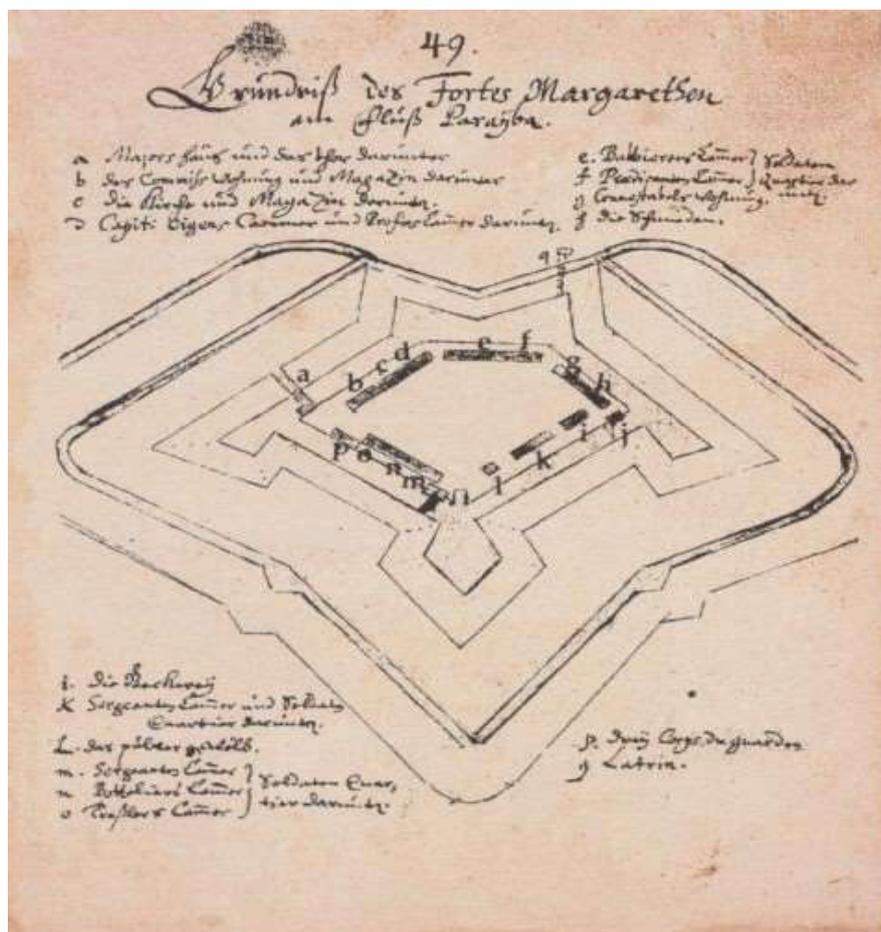


Fonte: Detalhe da pintura *Das Forten Margarethen um Pluß Paraiba*. Caspar Schmalkalden, c. 1645. Disponível em *Atlas of Dutch Brazil*^{xii}.

Nessa pintura de Caspar Schmalkalden observa-se novamente os muros de pedra, mas aqui já delineamos três baluartes, ao invés de apenas dois mostrados na pintura de Post. A diferença se deva provavelmente pelo ângulo que ele adotou para seu esboço. Até porque ambos os pintores estiveram na mesma década na Paraíba. Mas além desse detalhe quanto ao baluarte, na pintura de Schmalkalden não vemos a estacada e nem a guarita, mas podemos observar os telhados dos quartéis e demais dependências, o fosso seco, a bruma, mas nota-se que a contraescarpa está bem mais acentuada nessa pintura do que na de Prost. Além disso, sublinhamos que a entrada do forte nessa época, ficava voltada para o rio, logo, em ambas as pinturas ela não é visível.

Mas outra imagem importante para se conhecer o forte nesse período é a planta intitulada *Lundraft der Fortes Margaretsen um plub Paraiba* (Planta do Forte Margarida no Rio Paraíba), feita também por Caspar Schmalkalden (ver Figura 5).

Figura 5: Planta do Forte Margarida



Fonte: *Lundraft der Fortes Margaretsen um plub Paraiba*. Caspar Schmalkalden. c. 1645. Disponível em Atlas of Dutch Brazil^{xiii}.

Nessa planta, Schmalkalden conferiu legendas sobre as dependências do forte. A tradução é a seguinte: A – Casa do major e embaixo o portão; B – Acomodações para os viajantes e embaixo o arsenal; C – Igreja e embaixo o arsenal; D – Alojamento do capitão Oigen e embaixo o alojamento do administrador da jurisdição; E – Alojamento dos soldados; F – Alojamento do capelão e embaixo outros alojamentos; G – Moradia do condestável; H – Ferreiros; I – Padaria; J – Alojamento dos sargentos e embaixo o dos soldados; K – Paiol; L – Alojamento dos sargentos e embaixo o dos soldados; M – Alojamento do administrador da cantina e embaixo o dos soldados; N – Alojamento do pavimentador e embaixo o dos soldados; O – Três corpos de guarda e embaixo alojamento dos soldados; P – Latrina. (BARTHEL, 2007, p. 95-96).

A planta de Caspar Schmalkalden é a melhor que se possui sobre as dependências internas do Forte Margarida durante o domínio holandês e o século XVII, já que após o retorno dessa fortificação para o domínio português, suas estruturas foram pouco alteradas. Além disso, sublinha-se que durante os anos de 1645 e 1654 o forte serviu de lar para os



governadores holandeses^{xiv}, os quais anteriormente moravam na cidade de Frederica (antiga Filipeia), no reduto instalado na Igreja de São Francisco, que inclusive teve parte de suas salas reformuladas para abrigar a casa do governador. Mas devido ao início da Insurreição Pernambucana em 1645, a qual teve apoio também na Paraíba, através de figuras como André Vidal de Negreiros, os holandeses se sentiram ameaçados e transferiram a sede do governo para o Forte Margarida. (LINS, 2007, p. 67).

Pela planta de Schmalkalden é possível conferir as dependências que formavam o Forte Margarida, como a localização dos alojamentos, a ferraria, paiol, padaria, a entrada que era voltada para a beira do rio. Esse formato se manteve pelas décadas seguintes, sendo alterado gradativamente nas reformas do século XVIII, como será visto adiante.

O FORTE EM FINS DO XVII

Após a saída dos holandeses do Brasil, os portugueses retomaram o controle de seus fortes, cidades, vilas, fazendas e engenhos ocupados. No caso paraibano, a situação defensiva militar não era uma das melhores. Embora o governo holandês tenha reformado o Forte Margarida, as outras fortificações estavam abandonadas. O Forte de Santo Antônio em Lucena, estava em ruínas; o reduto da Restinga tinha sido avariado e seus canhões removidos de lá. O reduto de pedra ao lado do Forte do Varadouro, ambos estavam sem guarnição adequada e artilharia. Além dessas estruturas havia algumas casas-fortes em alguns dos engenhos, atalaias e as pequenas fortificações na Baía da Traição. (MONTEIRO, 1972, p. 23, 32-37).

Apesar desse desfalque, o governo português tinha outras preocupações com suas colônias em África e Ásia, além da dívida pendente com os holandeses^{xv}, e reformar fortificações de determinadas capitanias, não estava entre as prioridades. De 1654 a 1700 a maioria dos relatos sobre o Forte Margarida restringe-se a queixas sobre seu péssimo estado de conservação. Por exemplo, o capitão-mor Luís Nunes de Carvalho (1667-1670), em carta dirigida ao Conselho Ultramarino em 1668, queixava-se que os holandeses haviam feito uma reforma muito grande para o forte, e isso demandava mais homens e recursos para mantê-lo. Apesar das suas reclamações, ele ordenou que reparos fossem feitos, dentre os quais: limpar a esplanada, consertar parapeitos, levantar a estacada, remover areia do fosso, e até mandou construir um molhe de pedras na margem do rio, para impedir o contínuo impacto das ondas contra os meiu-baluartes. Além de trazer canhões do reduto da Restinga. (MOURA FILHA, 2003, p. 284, 287).

Nos anos seguintes novas reformas que deveriam ser realizadas, não foram feitas. Entre 1689 e 1692 o engenheiro militar José Pais Esteves projetou uma nova planta para o Forte do Cabedelo, o qual seria reconstruído sobre o anterior que ainda continha traços holandeses. A nova fortificação seria em forma de pentágono e mais afastada da margem do rio e da praia, para evitar a erosão causada pelas ondas. O forte também seria refeito com pedras e cal, algo que desde 1612, Diogo Moreno já havia sugerido, mas nunca foi feito. Entretanto, devido à falta de verbas, tal projeto nunca saiu do papel. E Esteves foi transferido para a Bahia. (MOURA FILHA, 2004, p. 293-294)

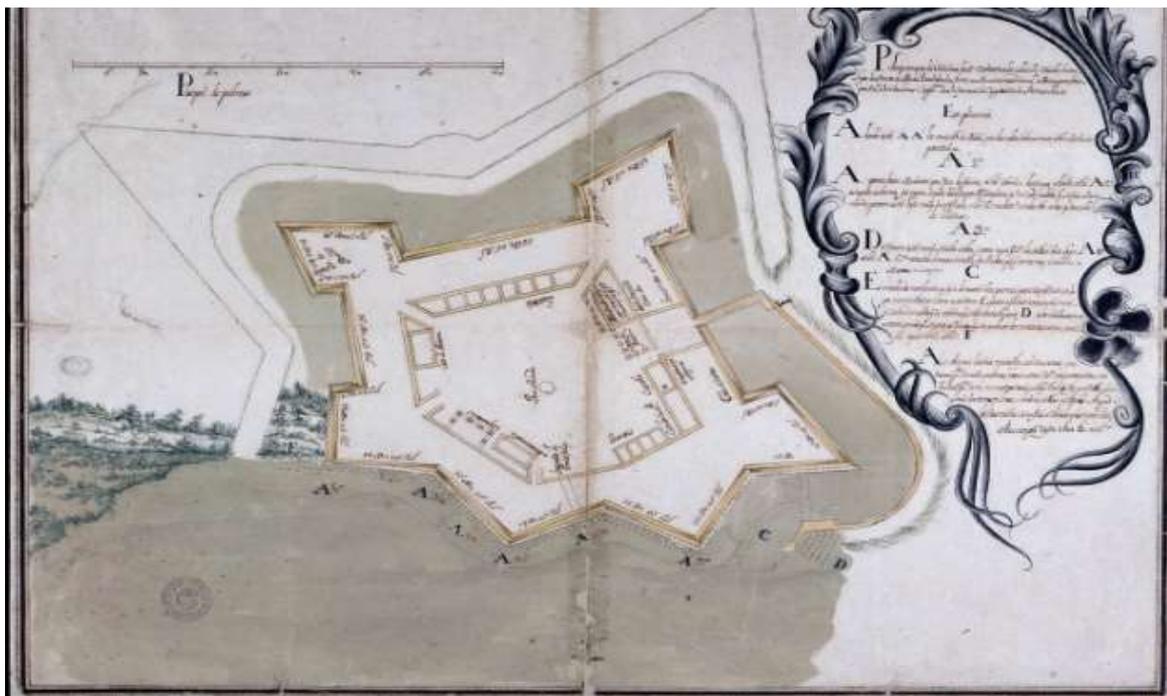
A FORTALEZA NO SÉCULO XVIII

O Forte do Cabedelo iniciou o Setecentos no mesmo estado de precariedade visto nas últimas décadas do século passado. Apesar das várias tentativas de se iniciar uma reforma grande e não apenas realizar reparos, como até então era feito, somente por volta de 1727 foi que as obras começaram a sair propriamente do papel, mas sendo interrompidas várias vezes por falta de verbas. Entre 1727 até 1740, o forte finalmente começou a receber seus muros de pedra (embora este não foram concluídos) e as construções internas como a casa da pólvora, a capela de Santa Catarina, a casa do comandante, a casa do capitão-mor (ou do governador), os quartéis e outras dependências, também foram construídos com pedra. No entanto, outras obras de reparo envolvendo a recuperação dos baluartes, do fosso, da estacada, das tenalhas etc. ainda não haviam sido concluídas. (MOURA FILHA, 2004, p. 300-305).

Para visualizar melhor essas obras realizadas ao longo de quase vinte anos, dispomos da seguinte planta, intitulada *Planta exacta da Fortaleza de S.^a Catharina do Cabedelo, cituada huma legoa da Barra do Rio da Parahiba do Norte, na America Meridional e Portuguesa* (c. 1752) de Antônio José de Lemos. (ver Figura 6).



Figura 6: Planta da Fortaleza de Sta. Catarina do Cabedelo (1752)



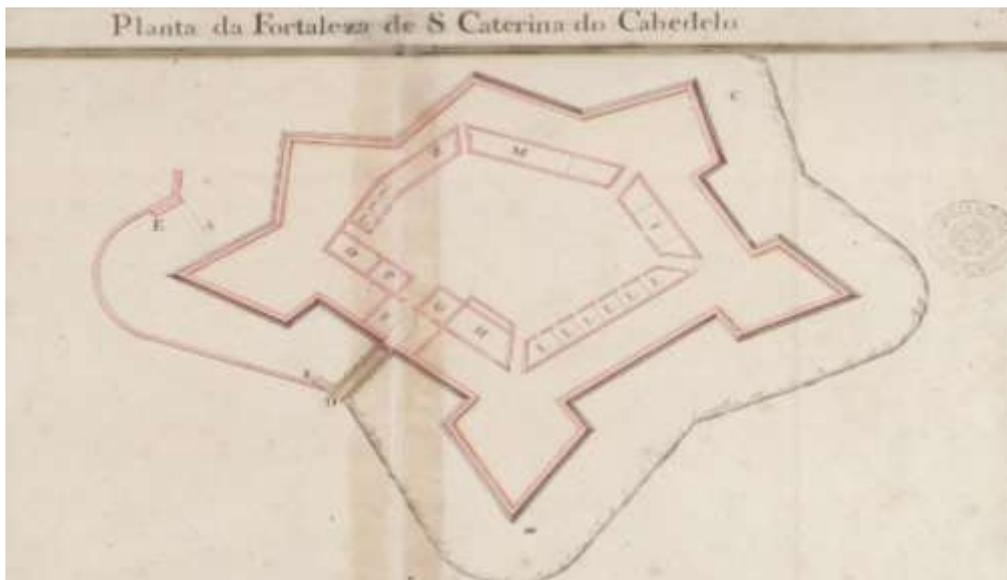
Fonte: Planta exacta da Fortaleza de S.^a Catharina do Cabedelo, cituada huma legoa da Barra do Rio da Parahiba do Norte, na America Meridional e Portuguesa, Antônio José de Lemos, c. 1752. Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino^{vi}.

A partir dessa planta de Lemos nota-se a disposição do forte, aqui chamado já de fortaleza, em que o fosso era preenchido com água, todavia, o autor apontou que a parte leste (esquerda na planta), um trecho do fosso havia sido assoreado e vegetação tinha crescido ali. No comentário da planta, ele recomendou que aquele trecho deveria ser limpo e escavado novamente, pois comprometia o fosso. Além disso, Lemos queixou-se quanto aos meio-baluartes estarem quase dentro d'água, e a barreira de pedras, erguida para protegê-los, não era eficiente. Ele também escreveu outras críticas a estrutura, dizendo que necessitava de diversos reparos.

As críticas de Lemos foram redigidas após a conclusão das obras de reforma da fortaleza, as quais se encerraram em algum momento da década de 1740. No entanto, observa-se que mesmo tendo sido obras feitas a poucos anos, a falta de zelo pela estrutura acarretou que problemas surgissem rapidamente. O fosso estava assoreado, o mole construído para proteger da subida da maré, não surgiu efeito desejado. Estes problemas ainda continuaram a ser relatados no século XIX, revelando o descaso do governo colonial com essa fortificação, embora não tenha sido a única a passar por isso.

Sobre as dependências da fortaleza, situadas na praça de guerra, Lemos forneceu poucas informações, no entanto, a planta a seguir nos traz mais detalhes a respeito. A *Planta da Fortaleza de Santa Caterina do Cabedelo*, sendo de autoria desconhecida é datada de 1763 (ver Figura 7).

Figura 7: Planta da Fortaleza de Santa Caterina do Cabedelo (1763)



Fonte: Detalhe da Planta da Fortaleza de Santa Caterina do Cabedelo, autoria desconhecida, c. 1763, escala 1:100, nanquim, 33,3 x 39,6 cm em folha 34,8 x 40,6 cm, pertencente a Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino^{xvii}.

Essa planta traz consigo legenda e comentários sobre o armamento e munição da fortificação, além de uma petição por objetos, ferramentas e outros recursos que necessitavam serem comprados. Podemos notar diferenças claras nesse projeto em relação ao visual do Forte Margarida, pois se o antecessor possuía três baluartes e dois meio-baluartes, agora a fortaleza apresentava um quarto baluarte incompleto, que anteriormente foi um meio-baluarte o qual foi modificado.

Além disso, a entrada da fortificação que com os holandeses era no oeste, retornou para o sul. Aqui salientamos que na época do domínio holandês essa parte da margem era mais larga, e as águas do rio Paraíba não chegavam a bater nos meio-baluartes, como se ver nestas duas plantas do século XVIII, por isso a entrada era voltada para o rio, onde navios e embarcações holandesas ali ficavam ancoradas. No entanto, com a mudança, no lugar da antiga entrada foi erguido um meio-baluarte (embora que um dos túneis daquele período ainda exista nos dias de hoje).

As dependências internas também mudaram de localização em relação ao Forte Margarida. A planta da fortaleza datada de 1763, traz uma legenda que indica os seguintes locais: A, B, C – Fosso; D – Ponte e entrada da fortaleza; E – Rampas de acesso ao fosso; F – Casa do órgão^{xviii}; G – Corpo da guarda; H – armazém e acima a casa do capitão-mor; J – Casa da pólvora; L – Quartéis; M – Armazém velho; N – entrada de um caminho coberto; O – Casa do comandante; P – Capela.

Aqui sublinhamos três aspectos que apresentam diferenças nestas duas plantas da fortaleza no século XVIII. Primeiro, Lemos assinala a existência de um poço (o qual ainda hoje existe), mas na segunda planta, ele não é mencionado. Além disso, Lemos assinala que haveria uma carpintaria ao lado do armazém velho e um caminho de uma ponte falsa. Porém, na planta de autoria anônima, não menciona essa carpintaria, e informa que a tal ponte falsa seria um caminho coberto^{xix}. Possivelmente tal caminho estivesse ainda em construção na época que Lemos desenhou sua planta.

Com base nestas duas plantas observamos como as dependências internas foram modificadas em alguns aspectos com o que temos registrado na planta de Caspar Schmalkalden. A capela que antes ficava na face oeste (voltada para o rio), desceu para a face sul, estando ao lado da casa do comandante, que também foi realocada, já que ela ficava ao lado da antiga entrada e como essa foi fechada, reposicionaram o recinto para a face sul. O arsenal, o alojamento dos viajantes e o alojamento do capitão, foram remodelados para serem quartéis e o acesso do caminho coberto para um dos meio-baluartes. O alojamento do capelão e dos soldados foi remodelado para servir de armazém. Onde era a casa do condestável (chefe dos artilheiros) e a ferraria, foram derrubados para dar lugar a casa da pólvora. A antiga padaria, o paiol e um dos alojamentos dos sargentos, se tornaram quartéis. O outro alojamento dos sargentos, dos soldados, do pavimentador e o corpo da guarda, foram demolidos para se fazer a entrada, a nova capela, uma nova casa do corpo da guarda, a casa do capitão-mor e o armazém. Essa nova configuração é mantida até hoje. (ver Figura 8).



Figura 8: Fotografia aérea recente da Fortaleza de Santa Catarina



Fonte: Matéria publicada no site do Instituto Federal Paraibano^{xx}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de mais de dois séculos o Forte do Cabedelo passou por várias reformas, algumas que mudaram bastante sua estrutura. Originalmente construída de madeira e taipa, vimos que ele manteve essa composição por mais de um século, pois mesmo com a reforma holandesa, a estrutura recebeu tijolos e reboco, mas não muros de pedra propriamente como vemos hoje. Algo que somente ocorreu na primeira metade do século XVIII, através de uma reforma interrompida várias vezes por falta de verbas.

A fortificação que de início era um quadrado, com o tempo foi ganhando seus baluartes, apresentando dois, passando para os quatro baluartes no tempo das guerras luso-holandesas (1631-1634), mas devido a destruição que o forte sofreu na Batalha da Paraíba, em dezembro de 1634, dois baluartes foram severamente danificados a ponto de que anos depois na reforma ordenada por João Maurício de Nassau em 1638, o novo projeto excluiu um destes baluartes e construiu dois meio-baluartes, configuração essa que manteve-se pelo restante do século somente sendo alterada no XVIII, quando retomou-se o quarto baluarte, mas com formato diferente dos outros.

Também vimos que a fortificação recebeu obras externas ao longo de dois séculos, e a maior parte delas foi construída na década de 1630 e 1640, por conta das guerras contra os holandeses, período no qual o forte foi bombardeado e sofreu dois cercos. Logo, neste contexto o forte recebeu estruturas complementares como fosso seco, paliçada, estacada, hornaveque, trincheiras e tenalhas. Embora que tais estruturas hoje não existam mais. Atualmente a Fortaleza de Santa Catarina conserva sua planta do século XVIII, inclusive tendo sido reconstruída em 1974 e 1978 pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). (FARIA, 2011, p. 106).

Pela imagem 8 podemos ter uma noção do estado de conservação da fortificação nos anos mais recentes além de visualizar sua estrutura e dependências internas. Aqui sublinha-se que o forte possui quatro baluartes, sendo que os dois voltados para a direção do mar (norte-nordeste), não foram restaurados por completo. Por sua vez, os dois meio-baluartes (oeste) também apresentam danos, como afundamento de terreno e ramais incompletos.

Quanto as dependências, pode-se ver no lado esquerdo, os telhados da capela, da casa do comandante e de alguns quartéis. No lado direito, embaixo, temos a casa do governador e o antigo armazém. A casa da guarda foi parcialmente destruída, embora exista seu acesso dentro do muro. Ainda no lado direito vemos os quartéis e acima está a casa da pólvora. Nas duas áreas vazias, ficavam o acesso para o caminho aberto e o antigo armazém. Além disso, essa fotografia também nos permite visualizar como a expansão urbana comprometeu os arredores da fortificação, estando a poucos metros de distância de seus muros.

Também se salienta que a margem do rio Paraíba foi aterrada, pois ainda no começo do século XX, fotografias mostram as ondas chegando até os meio-baluartes. O restante do perímetro da fortaleza é cercado pelas dependências do porto, terminais de armazenamento e por moradias. Dessa forma, concluímos nosso relato sobre as mudanças arquitetônicas que a Fortaleza de Santa Catarina vivenciou nestes séculos, chegando a sua condição atual, na qual ainda requer cuidados e mais investimento para auxiliar na conclusão das obras de reforma, as quais as últimas ocorreram a mais de 40 anos atrás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARLÉUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e outras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau etc.* Tradução e notas de Cláudio Brandão. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1940.

CARPENTIER, Servaes. Relatório sobre a Capitania da Paraíba em 1635, pelo Dr. Servaes Carpentier, Conselheiro Político e Diretor da mesma Capitania. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira*, vol. 2. Recife: Parque Histórico Nacional dos Guararapes, 1981. p. 39-52. 2v

COELHO, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil: 1630-1638*. Apresentação de José Antônio de Gonsalves de Mello. 2. ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1982.

DUSSEN, Adrien van der. *Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639)*. Tradução, introdução e notas de José Antônio Gonsalves de Mello Neto. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1947.

HERCKMANS, Elias. Descrição Geral da Capitania da Paraíba. Introdução, revisão e notas de José Antonio Gonsalves de Mello. In: MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Fontes para a história do Brasil holandês: a economia açucareira*, vol. 2. 2. ed. Recife: Ministério da Cultura/Editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 1985, p. 53-112. 2v

HISTÓRIA da Conquista da Paraíba [Sumário das Armadas]. Brasília: Senado Federal, 2010.

MORENO, Diogo de Campos. *Livro que dá razão do Estado do Brasil – 1612*. Com introdução e notas de Hélio Vianna. Recife: Arquivo Público Estadual, 1955.

NASSAU, Maurício de; CEULEN, M. van; DUSSEN, Adrien van der. Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas de Pernambuco, Itamaracá, Parahyba e Rio Grande situadas na parte Septentrional do Brazil. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, n. 34, dezembro de 1887, p. 139-196.

ROSÁRIO, Paulo do. *Relaçam breve e verdadeira da memorável victoria, que ouve o Capitão-mor da Capitania da Paraíba Antonio de Albuquerque, dos Rebeldes de Olanda*, que são vinte naus de guerra, e vinte e sete lanchas: pretenderão occupar esta praça de sua Magestade, trazendo nelas pera o efeito dous mil homens de guerra escolhidos, a fora a gente do mar. Lisboa: impresso por Jorge Rodrigues, 1632.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

Referências

BARRETO, Aníbal (Cel.). *Fortificações no Brasil* (Resumo Histórico). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958.

BARTHEL, Stela Gláucia Alves. *Arqueologia de uma fortificação: o Forte Orange e a Fortaleza de Santa Cruz*, em Itamaracá, Pernambuco. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

BLACK, Jeremy. *Fortifications and Siegecraft: Defense and Attack through the Ages*. London: Rowman & Littlefield, 2018.

FARIA, Maria Dulce de. *Catálogo da Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2011.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

GARRIDO, Carlos Miguez. *Fortificações do Brasil*. Separata do Vol. III dos Subsídios para a História Marítima do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940.

GONÇALVES, Regina Célia. *Guerras e açúcares: política e economia na Capitania da Parahyba, 1585-1630*. Bauru: Edusc, 2007.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Tradução de Pedro Soares Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



- LEMOS, C. A. Uma nova proposta de abordagem da história da arquitetura brasileira. *Arquitextos*, ano 12, n. 141, 2012.
- LINS, Guilherme Gomes da Silveira d'Ávila. *Governantes da Paraíba no Brasil Colonial (1585-1808)*. Uma revisão crítica da relação nominal e cronológica. 2. ed. João Pessoa: Edições Fotograf, 2007.
- MARGARITA, Lleida Alberch. El patrimonio arquitectónico, una fuente para la enseñanza de la Historia y las Ciencias Sociales. *Enseñanza de Las Ciencias Sociales*, v. 9, p. 41-50, 2010.
- MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso. *História da fortaleza de Santa Catarina*. João Pessoa: Imprensa Universitária, 1972. (Coleção Piragibe).
- MORENO, Diogo de Campos. Relação das praças fortes e coisas de importância que Sua Majestade tem na costa do Brasil (1609). Introdução de José de Antonio Gonsalves de Mello. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, vol. LVII, p. 177-240, 1984.
- MOURA FILHA, Maria Berthilde de Barros Lima e. *De Filipeia à Paraíba*. Uma cidade na estratégia da colonização do Brasil, vol. 1. Dissertação em Doutorado em História da Arte, Universidade do Porto, 2004. 2v
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. *As Guerras Luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba, 2016.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. A relação breve de frei Paulo do Rosário: relatos sobre o primeiro ataque holandês à Capitania da Paraíba (1631). *Saeculum*, n. 38, jan./jun 2018, p. 125-145.
- PIMENTEL, Luís Serrão. *Methodo lusitânico de desenhar as fortificações das praças regulares & irregulares, fortes de campanha, e outras obras pertencentes a arquitetura militar, distribuído em duas partes: operativa e qualificativa*. Lisboa: impresso por Antonio Craesbeeck, 1680.
- SOUSA, Augusto Fausto de. *Fortificações no Brasil*. RIHGB. Rio de Janeiro: Tomo XLVIII, Parte II, 1885. p. 5-140.
- TALLETT, Frank. *War and Society in early modern Europe, 1495-1715*. New York/London: Routledge, 1992.
- VELLOZO, Diogo da Sylveyra. *Arquitetura militar ou fortificação moderna*. Transcrição e comentários de Mário Mendonça de Oliveira. Salvador: EDUFBA, 2005.

NOTAS

ⁱ Fortaleza de Santa Catarina concorre ao título de Patrimônio Mundial da Unesco. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/cabedelo/noticias/2017/12/fortaleza-de-santa-atarina-concorre-ao-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco>.

ⁱⁱ Santa Catarina de Alexandria foi escolhida como padroeira do forte, por homenagem a infanta Dona Catarina de Bragança (1540-1614).

ⁱⁱⁱ Pela condição de João de Matos ter sido capitão do forte em distintas ocasiões, houve épocas que a fortificação era referida como Forte do Matos.

^{iv} No *Tratado Descritivo do Brasil* (1587) e no *Sumário das Armadas* (c. 1589), não há referências ao Forte do Cabedelo, o que indica que ele não existia ainda. Embora tais relatos citem os outros fortes que mencionamos.

^v Pelo fato de Barbosa ter sido o capitão responsável pela conquista da Paraíba entre 1579 e 1585, e depois assumido como governador entre 1588 e 1591, isso gerou confusão quanto a data em que ele teria dado a ordem para construir o Forte do Cabedelo. Por isso em relatos mais antigos, aparecerem datas relacionadas ao seu primeiro mandato.

^{vi} Moreno confunde a data de fundação do Forte do Cabedelo, creditando que ele tenha sido feito no governo de Feliciano Coelho de Carvalho (1592-1600). O equívoco provavelmente se deve a condição que entre 1591 e 1592, o forte foi reconstruído, após ter sido incendiado. Moreno pode ter confundido a reforma com a construção.

^{vii} No tempo da invasão dos holandeses, a Paraíba possuía 23 engenhos, embora que somente 21 estivessem operantes, ainda assim, esses engenhos conseguiam gerar a segunda maior produção de açúcar daquela região. Sobre isso conferir as tabelas em *Guerras e açúcares* (2007) de Regina Célia Gonçalves, nas páginas 248-250.

^{viii} "Obras exteriores são todas aquelas que se fazem para cobrir as partes da praça principal, e conseqüentemente par lhe aumentar a defesa; constam de revelins, hornaveques, tenalhas, coroas, ou obras coroadas, obras cornas, meias luas, caudas de andorinha, barretes de clérigo e contraguardas". (VELLOZO, 2005, p. 255).



^{ix} “Hornaveques são umas obras avançadas para a campanha com dois lados retos, e no terceiro dois meios baluartes opostos ao inimigo; há três castas deles, a saber os que tem os dois lados ou ramais mais abertos da parte da campanha, e mais fechados da parte da praça se chamam convergentes; os que pelo contrário os tem mais abertos da parte da praça, e mais fechados da parte da campanha, se chamam divergentes [sic]; os terceiros são os que tem os ramais paralelos”. (VELLOZO, 2005, p. 256).

^x Detalhe do mapa *Afbeelding der Stadt en Fortessen van Parayba*. Claes Jansz Visscher. 1634-1635. 58,5 x 53,5 cm em f. 60 x 54,5 cm. Fonte: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/13985>.

^{xi} Detalhe da pintura *Ostium Fluminis Paraybae*, Franz Post, 1647. Fonte: originalmente publicado junto ao livro *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil (1647)* de Gaspar Barléus. Disponível em: <http://www.brasilianaiconografica.art.br/autor/18247/frans-post>.

^{xii} Detalhe da pintura *Das Forten Margarethen um Pluß Paraiba*. Caspar Schmalkalden, c. 1645. Disponível em <http://www.liber.ufpe.br/atlas/modules/home/publications.php>.

^{xiii} *Lundraft der Fortes Margaretsen um plub Paraiba*. Caspar Schmalkalden. c. 1645. Disponível em: <http://www.liber.ufpe.br/atlas/modules/home/publications.php>.

^{xiv} Dos quatro governadores que teriam morado no Forte Margarida, apenas o nome de três foi identificado até hoje, sendo eles: Paulus de Linge (1645-1646, segundo mandato), governador desconhecido (1646-1650), tenente-coronel Jacob Stachhouwer (1650-1652) e o coronel Guillaum de Houtain (1652-1654). (LINS, 2007, p. 67-70).

^{xv} Evaldo Cabral de Mello em seu livro *O negócio do Brasil*, comenta o processo de saída da WIC do Brasil, o prejuízo, acordos e dívidas consequentes.

^{xvi} Planta exacta da Fortaleza de S.^a Catharina do Cabedelo, cituada huma legoa da Barra do Rio da Parahiba do Norte, na America Meridional e Portuguesa, Antônio José de Lemos, c. 1752. Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino. Disponível em: <http://bdlb.bn.gov.br/redeMemoria/handle/20.500.12156.2/301273>.

^{xvii} Detalhe da *Planta da Fortaleza de Santa Caterina do Cabedelo*, autoria desconhecida, c. 1763, escala 1:100, nanquim, 33,3 x 39,6 cm em folha 34,8 x 40,6 cm, pertencente a Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/rede_memoria/projeto_resgate/iconografia_AHU/ahu-pe_938/ahu-pe_938.html.

^{xviii} Antiga estrutura feita de madeira dura e ferro, usada para bloquear passagens ou corredores. Eles ficavam em fendas no teto e eram descidos para barrar o acesso. A casa de órgão era o recinto onde se operava o mecanismo para baixá-lo. Além disso, Pimentel diz que nas fortificações portuguesas era comum a casa do corpo da guarda ficar ao lado oposto da casa do órgão, pois em caso de invasão, o órgão seria descido, e os soldados usariam seteiras no corredor da entrada, para alvejar o inimigo. (PIMENTEL, 1680, p. 157-158).

^{xix} Consistia num caminho ou terraço diante dos muros, logo atrás da bruma ou da escarpa. Ali havia parapeitos, onde soldados podiam se posicionar para poder atirar no inimigo que estivesse mais próximo do fosso ou dos muros. Era também chamado de caminho das rondas e até de falsabraga. (PIMENTEL, 1680, p. 17-18).

^{xx} Vista aérea da Fortaleza de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/cabedelo/noticias/2017/12/fortaleza-de-santa-catarina-concorre-ao-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco>.

